



O acolhimento

A cinquenta anos do Concílio Vaticano II, as palavras da *Gaudium et Spes* ainda ressoam com força e clareza: «A humanidade vive hoje um período novo de sua história, caracterizado por profundas e rápidas mudanças que, progressivamente, se estendem a todo o globo. [...] Enquanto o mundo percebe a sua unidade e sua mútua interdependência numa necessária solidariedade, é violentamente impulsionado em

direções opostas por forças antagônicas. De fato, ainda permanecem graves contrastes políticos, sociais, econômicos, raciais e ideológicos» (GS 4).

As relações interpessoais são caracterizadas, muitas vezes, pela desconfiança e pelo medo. A “diversidade”, o “diferente” são conceitos cada vez mais usados para indicar desconfiança,

bem como desprezo pelo próximo. Se de um lado a cultura, hoje, coloca em primeiro plano o valor positivo da liberdade pessoal, de outro, se assiste à degeneração da liberdade contra a dignidade da pessoa. A atitude que reconcilia o homem com sua liberdade e busca de realização, com a realidade do outro como “alteridade”, que abre à reciprocidade e à solidariedade, é “o acolhimento”.

Lucas, no trecho evangélico deste domingo, evidencia que Cristo vivia o acolhimento como caminho de comunicação da verdade (cf. Lc 15,1-2). Quando a pessoa faz experiência de ser acolhida, ela se abre para a busca da verdade que pode garantir-lhe a verdadeira experiência de liberdade. O crente, que encontrou Cristo como “verdade que liberta” (cf. Jo 8,32), é construtor de relações que partem da alteridade como riqueza e não como limite. O acolhimento é a atitude própria da fé de quem reconheceu o verdadeiro rosto de Deus que se comunica. É vivida em duas direções: para si mesmo e para o outro, porque só assim cada um chega à plena realização de si, tecendo relações plenamente humanas.

O acolhimento dispõe positivamente o coração para o outro, fazendo superar aquilo que divide e a reconhecer o rosto do outro como de um “irmão” e não de um rival: «[...] este teu irmão estava morto e retornou à vida, estava perdido e foi encontrado» (Lc 15,32). Deus Pai reconhece em nós o rosto do seu Filho, e nós devemos reconhecer no outro o rosto de um irmão que, como nós, é filho no Filho.

ITINERÁRIO PARA A QUARESMA 2013

Os gestos de fé

I domingo

A adoração

«O Senhor, teu Deus, adorarás: a ele só prestarás culto». Lc 4,8

II domingo

A escuta

«Este é o meu Filho, o eleito; escutai-o!». Lc 9,35

III domingo

A conversão

«Se não vos converterdes, perecereis todos do mesmo modo». Lc 13,3

IV domingo

A acolhida

«Este teu irmão estava morto e retornou à vida, estava perdido, e foi encontrado». Lc 15,32

V domingo

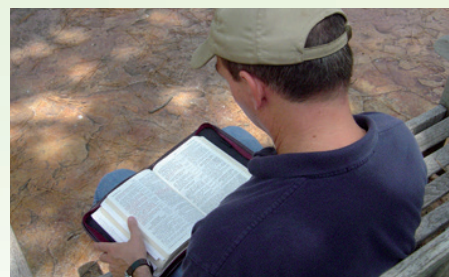
A novidade de vida

«Nem eu te condeno; vai e de agora em diante não peques mais». Jo 8,11

Oração

Ó Deus Pai,
que te alegras em reconhecer em nós
o rosto do teu Filho,
ensina-nos a acolher-nos como filhos teus
para superar toda divisão e medo.

Ó Jesus,
que acolhes cada homem
na condição em que se encontra
para elevá-lo à dignidade de filho de Deus,
torna-nos capazes de viver o cuidado
com o próximo
para dar testemunho credível de ti,
Verdade que liberta.



Ó Espírito de amor,
que manifestas a nós o rosto de Deus,
faze resplandecer em nós
a imagem que Deus nos doou,
vivendo na verdadeira caridade
e acolhendo cada pessoa como irmã.
Amém.

pe. Renato D’Auria